

Prefácio

Elieuzza Aparecida de Lima

Como citar: LIMA, E. A. Prefácio. *In:* VALIENGO, A. **Tornar-se alfabetizadora:** narrativas de professoras brasileiras e portuguesas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 15-20.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-111-9.p15-20>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

Para bem criar passarinho é proveitoso ignorar as grades, as prisões, as teias. É bom se desfazer das paredes, cercas, muros e soltar-se, deixar-se vagar entre perfume e brisa. É melhor ainda não dispor de trilhas ou veredas e ter o ar inteiro como um espaço pequeno para a ligeireza das asas. (QUEIRÓS, 2009, página amarela).

A sensibilidade do poeta é inspiração para a tessitura deste texto produzido em momento histórico tão catastrófico e intensificador das desigualdades sociais e culturais. Estamos em contexto pandêmico há mais de um ano, período em que milhares de mortos compõem triste estatística no Brasil e no mundo.

Especialmente em terras brasileiras, onde componho este prefácio, vivemos palcos de lutas. Um deles se circunscreve no desafio atual de manutenção da vida dos sobreviventes de uma doença avassaladora provocada pelo SARS-CoV-2 (*Coronavirus disease 2019*, conforme designação na língua inglesa). Outro, não menos letal e sombrio, é desenhado e cultivado numa sociedade capitalista como a nossa, onde milhares de famílias ultrapassam a linha da pobreza e constituem lugares no cenário dos miseráveis lutadores pela subsistência, palco ampliado pelos altos índices de desemprego e injustiças sociais.

Afetada pela dor das famílias que choram a perda de seus entes queridos e das outras que vivem a morte lenta pela falta de condições favoráveis para satisfação de necessidades básicas (alimentação, saúde e

DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-111-9>.p15-20

moradia), a riqueza poética de Queirós (2009) impulsiona exercícios de reflexão e de ações políticas e sociais dirigidos à potencialização da satisfação dessas necessidades vitais e da criação de novas necessidades capazes de motivar o desenvolvimento de inteligências e personalidades compositoras de uma sociedade com novos contornos e lugares, a partir de seus voos plenos, como pessoas mais libertas e engajadas.

Um debate necessário nesse movimento de reflexões envolve o papel social da escola e de seus agentes intelectuais (equipe, professoras e professores e outros profissionais atuantes no ambiente escolar). Trata-se do delineamento de discussões fundamentadas nos avanços científicos e políticos sobre o valor desse espaço para a constituição humana em sua inteireza e sua potencialidade para edificação de uma sociedade mais justa e emancipada.

A escola contemporânea nos desafia, continuamente, a desfazer suas cercas e muros revelados em suas constituições prediais, mas, sobretudo, em proposições educativas pouco ou nada efetivas à integralidade da educação da pessoa, conforme lindamente versa Queirós (2009) no excerto logo acima.

Uma escola projetada para humanização rompe as grades e as teias aprisionadoras dos corpos, constituindo-se ambiente com “ar inteiro” para que seus atores principais (crianças, professores e demais profissionais que ali atuam) possam cultivar a “ligeireza das asas”, em encontros com elementos da cultura produzida pelas gerações que os antecederam, cooperando para o alargamento das produções sociais por meio de suas atividades. Além de se formarem como pessoas dirigentes e conscientes de suas próprias histórias, eles podem contribuir ativamente para guiarem revoluções vitais à criação de contextos de maior justiça social e liberdade humana.

Queirós (2009) declara em tons poéticos uma escola originalmente plural e aberta à atividade humana, para bem “criar” crianças, jovens e adultos que aprendem a ser humanos em contextos culturais, sociais e políticos propícios à harmonia do desenvolvimento de suas inteligências e personalidades (VYGOTSKI, 1995; VIGOTSKI, 2010).

Ao encontro desses exercícios de consciência educacional, política e social, as páginas do livro da professora e pesquisadora Amanda Valiengo (com quem tenho o privilégio de conviver e aprender a ser mais humana) convoca-nos a navegar “além mar”, com a responsabilidade e o compromisso de (re)pensar o cultivo de cenários formativos de crianças e dos profissionais que as educam, como possibilidades de mobilização de certezas e tradições que se perpetuam ao longo da história da alfabetização no Brasil e em Portugal.

Em contextos luso-brasileiros são tecidas compreensões sobre Programas de Formação Continuada com impactos para processos de alfabetização, discutidas com rigor e profundidade pela autora. Os estudos e argumentações científicas retratados por ela resultam de vivências de pesquisa em dois países com histórias particulares e, também, com pontos de intersecção. Trazem aspectos históricos e pedagógicos referentes à formação docente e às repercussões do *Programa Letra e Vida* (São Paulo/Brasil) e do *Programa Nacional de Ensino do Português* (Portugal).

A partir das situações de acolhimento e escuta das narrativas docentes, parceiras do estudo, o livro põe em debate a projeção e a efetividade de programas formativos de professoras e professores, cujo objetivo se direcione à humanização desses educadores, mediante sua instrumentalização teórica e metodológica. Nesses processos, o desafio

posto é a criação de condições favoráveis para estudos e reflexões sobre o papel da educação escolar, evidenciando a atividade docente e a das jovens gerações.

Como argumentado ao longo das partes que compõem a obra, as marcas de nossa humanidade são apropriadas mediante atividades nas quais elas sejam necessárias, mobilizadas ao uso e façam sentido para quem delas se apropria. Essencialmente essas capacidades tipicamente culturais entram em movimento no seio de “práticas pedagógicas humanizadoras” que “[...] [possam] ser caracterizadas como aquelas em que os encaminhamentos teórico-metodológicos expressem a ideia de capacidade plena das crianças no processo de ensino-aprendizagem” (CHAVES, 2011, p. 98).

A experiência social é, desse ponto de vista, a *fonte* do desenvolvimento psíquico da pessoa. No processo de apropriação dessa experiência, a professora e o professor atuam como propositores de situações educativas intencionalmente planejadas, vividas e avaliadas para que a geração jovem se aproprie de bens culturais como base fundamental para a constituição das qualidades psíquicas inerentes à sua inteligência e personalidade.

Esse entendimento tem implicação pedagógica decisiva, descaracterizando ações estereis e esvaziadas de sentido, pouco capazes de garantir aprendizados essenciais ao desenvolvimento amplo da criança e tampouco de envolvê-la completa e inteiramente como pessoa ativa, capaz de fazer, ser e se relacionar como protagonista das suas aprendizagens.

A leitura da obra completa oferece à leitora e ao leitor oportunidades de tessitura de fios e movimentos dedicados a questionamentos, desconfianças e mobilizações em diferentes frentes, o

que inclui o cenário das potencialidades e desafios da escola, como lugar para abalo de certezas muitas vezes mobilizadoras dos nossos corpos e mentes:

Para bem criar passarinho é preciso ter ao alcance das mãos a linha do horizonte para escrever poesia para passarinhos cantarem. E isso se torna possível soltando o olhar para o bem depois das montanhas, dos mares, deixando o carinho murmurar rascunho de poema (QUEIRÓS, 2009, página lilás).

Elieusa Aparecida de Lima

Marília, SP.

(Em isolamento social, perspectivando encontros e diálogos)

Referências

CHAVES, Marta. Enlaces da Teoria Histórico-Cultural com a Literatura Infantil. *In*: CHAVES, Marta (org.). **Práticas Pedagógicas e Literatura Infantil**. Maringá: Eduem, 2011. p. 97-105.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Para criar passarinho**. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42022>. Acesso em: 06 abr. 2021.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. Problemas del desarrollo de la psique.
Obras Escogidas. Vol. III. Madrid: Visor, 1995.